

## QUESTÕES RACIAIS E PRODUÇÃO DE SUJEITOS NA EXPERIÊNCIA DISCENTE NO CURSO DE PEDAGOGIA<sup>1</sup>

ANA MARIA SILVA LEITE

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil

---

**RESUMO:** Uma quantidade significativa dos estudantes de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás se autodeclara negra em um campus predominantemente branco. Devido a essa característica, o presente estudo se esforça no sentido de reconhecer quem são esses estudantes negros, quais as motivações para a escolha do curso, suas pretensões profissionais e, mais ainda, busca compreender as trajetórias acadêmicas através das categorias "autoestima", "ressignificação" e "cuidado". Os dados empíricos foram coletados através de pesquisas qualitativas com graduandas (os) autodeclaradas (os) negras (os), com enfoque nas experiências dos sujeitos, no intuito de contribuir para os estudos acerca do significado de ser negro em um ambiente educacional superior.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudantes. Negras (os). Educação. Ressignificação. Cuidado.

---

### INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a explicar o porquê da presença de tantos estudantes negros no curso de Pedagogia quando comparado com os demais cursos, procurando compreender não somente o campo quantitativo, mas como se deu o caminho e as motivações para a escolha do curso. O curso de Pedagogia é considerado um curso "menor", o que não se restringe somente à Universidade Federal de Goiás (UFG). As especulações em torno desse status surgem devido ao baixo ponto de corte em sistemas como o SISU (Sistema de Seleção Unificada) em uma Universidade Federal, enquanto em faculdades particulares é um curso de baixo custo, até pelo fato de a maioria de seus estudantes ter que trabalhar para se sustentar.

Uma das razões pode estar ligada ao fato de que a principal carreira da pedagoga é ser professora, a pedagogia forma professores e, por mais que seja dolorido, o professor, entre os outros profissionais, é o último a ser reconhecido. Ainda que desvalorizado, o professor tem grande importância na formação dos indivíduos; é difícil achar um indivíduo adulto, escolarizado, que não se recorde de um dos seus professores. A professora ou professor é responsável em sua maioria por criar formadores de opiniões e futuros questionadores.

A partir dessa afirmação, mapeamos os indivíduos que compõem a negritude dentro da Pedagogia UFG. Por meio de pesquisa qualitativa, perguntamos aos estudantes o porquê da escolha pela profissão, como eles chegaram até o ensino superior, seus processos educativos e pessoais, no intuito de investigar tanto em relação ao curso quanto seus processos de identificação enquanto pessoas negras.

Em análise estão as(os) graduandas(os) negras(os) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás no curso de Pedagogia e a chegada ao campus. Essa investigação não foi tão complicada pois era um meio em que eu já estava totalmente inserida por ser uma graduanda negra no curso de Pedagogia. Procurei abordar aqueles que eu via como possíveis entrevistados da forma mais pessoal que eu conseguiria, fui até eles, expliquei sobre o projeto, sobre o que eu estava pesquisando e questionei se haveria vontade/disponibilidade para me conceder uma entrevista.

O critério usado para a escolha dos entrevistados foi racial, pessoas negras graduandas na Pedagogia, mas também foram entrevistados aqueles que se autodeclararam negros (mesmo sendo brancos). Os entrevistados são estudantes tanto na primeira quanto na segunda graduação. A idade dos entrevistados é de 19 a 27 anos. Seis alunos da Faculdade de Educação responderam as perguntas, sendo assim, para identificação dos entrevistados utilizei a numeração de entrevistado 1 a entrevistado 6 para preservação de suas identidades. Tais entrevistados foram escolhidos por sua disponibilidade e vontade em conceder a entrevista. As entrevistas foram realizadas na própria faculdade, algumas aconteceram na sala do orientador e outras nas salas de aula que estavam disponíveis. Todos os entrevistados assinaram o termo de consentimento.

As entrevistas são feitas qualitativamente em profundidade, considerando a experiência do indivíduo como dado estatístico; o roteiro de perguntas foi feito por meio de tópicos guias a fim de tornar a entrevista mais fluída, dando espaço para o entrevistado conduzir sua própria entrevista. As categorias encontradas durante as falas das (os) entrevistadas (os) são: problemas referente a casos de racismos (todos eles de forma implícita) com alguns professores na Universidade, a autoestima da graduanda (o) negra em relação à sua nota e ao ponto de corte da Pedagogia, e ressignificação do ser professor.

#### NEGRITUDE NA PEDAGOGIA

“Se o testemunho pessoal, a experiência pessoal, é um terreno tão fértil para a produção de uma teoria feminista libertadora, é porque geralmente constituiu a base da nossa teorização” (HOOKS, bell. 1994, p. 97)

Ao longo da minha trajetória escolar, tanto no ensino fundamental como no médio, me tornei um alvo frequente de discriminação racial. Durante minha experiência no ensino fundamental acumulei todos os apelidos preconceituosos imagináveis para uma criança negra, desde cabelo de capacete a macaco. E no período do ensino médio com apelidos mais elaborados como “poodle preto” (por conta do meu cabelo cacheado e da minha cor), que, diferente dos dois utilizados no ensino fundamental, era capaz de abarcar as duas características principais que eram alvos de rejeição dos demais.

Por conta dessas experiências, fiquei receosa, temendo pessoas que iriam me olhar e lugares que eu iria frequentar. O ato político de existir enquanto mulher preta me dava medo. Depois de alguns anos, dos comentários e das vivências acumuladas, percebi que era assim que ia ser e que eu iria viver, independente do ambiente frequentado. Acredito que isso possa ter criado uma camada muito grossa, que eu, instintivamente, chamava de resistência. Porém com a possível chegada da

LEITE, A. M. S.

Universidade eu enfraqueci, sempre vi o ambiente acadêmico, enquanto não acadêmica, como um ambiente mágico de pessoas evoluídas intelectualmente, livres de preconceitos, “morando” em um lugar que eu acreditava ser o lar da liberdade de expressão.

Meu primeiro contato com a faculdade acredito que aconteceu no exato momento da minha matrícula, eu, enquanto mulher negra, estava orgulhosa de adentrar um ambiente que nunca foi visto como meu. O meu sentimento de orgulho foi tomado de mim nos meus primeiros 10 minutos dentro da Universidade. Fui até a mesa da matrícula do meu curso, e ao perguntar se era ali que eu poderia efetivar a minha entrada na universidade me avisaram que antes eu deveria passar pelo “comitê”. Não foi dito qual comitê eu deveria passar, mas eu sabia que pelo meu tom de pele deveria passar pelo comitê de cotista negro.

Primeiramente, vale ressaltar que cotas é nada mais que um direito necessário, já que nas instituições públicas e privadas estão as principais “manobras” em que se estabelecem o racismo. Por uma questão histórica, em que corpos negros foram assassinados, escravizados e os seus direitos negados, cota é uma das poucas possibilidades da inclusão negra dentro de uma instituição que é a Universidade. Porém, eu não fazia parte desse recorte de cotista, entrei na faculdade por ampla concorrência (não por “mérito”, mas era a situação que eu me encaixava perante as regras de ingresso na universidade).

Houve um desconforto muito grande em mim naquele momento. Eu não consegui entender o porquê de ela não querer “professar” palavras como: você é negra e deveria passar pela banca de cotista, ou até mesmo o quanto ela ficou envergonhada quando eu a avisei que não era cotista. O problema aqui não é ser chamada de cotista, porque cota é um sistema legítimo de ingresso na Universidade, o constrangimento veio a partir da reação da coordenadora de curso. Hoje eu penso que a primeira experiência no âmbito acadêmico foi me preparando para as próximas que viriam.

Eu acredito que a Educação me escolheu, não por ser na minha vida uma experiência tão boa que eu gostaria de reproduzir para os próximos, mas, sim, por ser uma opção possível. Durante o meu período de escolarização, houve apenas uma professora negra, que dava aula de matemática, ela foi o suficiente para que eu entendesse que eu teria um lugar, visto que era difícil me encontrar em outros ambientes que não fossem o de prestação de serviços gerais, como funcionários de limpeza ou cozinheiras, da forma como é representado em novelas. Nas entrevistas feitas todos os entrevistados sabiam o nome e a matéria da(o) professora(o) negra(o) que passou por sua vida. Não que eles não soubessem dizer de outras(os) professoras(os), mas havia o fato de sempre lembrarem daquela(e) professora negra(o) como uma referência de infância.

A partir desse momento de reflexão sobre referência de professoras(es) negras(os), em uma das entrevistas que foram feitas, o Entrevistado 5, estudante de Pedagogia, afirmou: “Eu gosto do ambiente da escola, eu acho o ambiente massa. E tem toda uma questão de, não sei, ideológica talvez? De tentar fazer alguma coisa para mudar um processo, sabe?” (Entrevistado 5, 2019.). É neste sentido que inicio a reflexão, o porquê de pessoas negras buscarem a Educação, o porquê desse vislumbre sobre a mudança do processo educacional e os processos de resistência dentro da Universidade.

O fato de ser uma mulher negra sempre colocou limitações em meus possíveis destinos, tais limitações foram estabelecidas mesmo antes da minha existência. No livro *Mulheres, Raça e Classe*, Angela Davis traz o termo “partus sequitur ventrem”, termo esse usado no período escravocrata para designar crianças que eram filhas de mulheres negras que também estariam na condição de escravizadas. Era uma condição predeterminada mesmo antes de seu nascimento. Em paralelo com a atualidade, nós, corpos negros, ainda somos previamente determinados a um tipo exclusivo de futuro, e nenhum deles é em uma posição de destaque, quando comparada com o futuro de corpos brancos.

O primeiro movimento feminista ocorreu no final do século XIX a fim de reivindicar equidade entre homens e mulheres, e suas principais reivindicações foram o direito a uma vida fora do lar e ao voto. As protagonistas desse movimento foram principalmente mulheres brancas de classe média. A ocupação de mulheres no mercado de trabalho a partir dos movimentos feministas tiveram duas ramificações importantes, uma delas como operárias e a outra como educadoras.

Essas mulheres brancas ocuparam o lugar de educadoras, principalmente na Educação Infantil, muito pelo estigma da mulher com “instinto materno”, a mulher que “cuida” e sabe lidar com crianças. Apesar dos estereótipos, as mulheres conseguiram um espaço fora de casa, por mais que com pequenos passos, estes passos foram dados e continuam a progredir até os dias de hoje.

Entretanto, enquanto mulheres brancas procuravam justiça pelos seus direitos, mulheres negras reivindicavam o seu direito à vida. Quando falamos sobre o processo de reivindicação de vida, coloco em foco que, nesse processo do movimento feminista, embora já não houvesse a escravidão da maneira como conhecemos, a população negra ainda era privada economicamente e ainda sofria com a violência terrorista de supremacistas brancos. Durante as primeiras ondas feministas, as mulheres brancas procuravam direitos iguais, mulheres brancas querendo direitos igualitários entre elas e homens brancos. Os corpos de mulheres negras nesse processo de reivindicação desses direitos foram esquecidos.

Na Europa, pessoas negras, por mais que não fossem mais escravizadas, ainda viviam em um processo de reconhecimento e reivindicação como um ser humano detentor de direitos. Enquanto no Brasil, no mesmo período, ainda vivia-se sob um regime escravocrata, mas a partir desses movimentos feministas as campanhas abolicionistas tomaram “espaço” nas discussões, assim, mulheres brancas formaram um dos principais grupos a defender a abolição da escravidão.

Com este cenário em questão, a primeira opção de trabalho para mulheres brancas de classe média que conseguiram sair do espaço privado e circular pela esfera pública foi a Educação Infantil, mas atualmente se faz presente em trabalhos de diversas áreas. Em *Mulheres, Raça e Classe*, Angela Davis (2016) enfatiza um argumento utilizado por W.E.B Du Bois, no qual afirma que, independente do tempo que durasse o trabalho doméstico enquanto regra para a população negra, a emancipação seria uma fantasia conceitual. Corpos negros estariam a ocupar o curso de Pedagogia como um processo de detenção da sua liberdade? Tal liberdade deveria, então, iniciar como o processo de libertação feminista, ocupando o cargo “inferior”, como o de educador?

LEITE, A. M. S.

Refletindo sobre esse contexto, tanto mulheres negras como homens negros ainda estão no seu primeiro processo de conquista de ambientes que não sejam aqueles posteriormente determinados pelo processo escravocrata, como o de serviços domésticos, agricultura, trabalho braçal, entre outros serviços de menor prestígio social. Dentro de uma Universidade, estão se formando para educar.

## REIVINDICAÇÃO DO EU

O processo de reivindicação do eu enquanto corpo negro se inicia a partir da sua consciência como corpo distinto daquele considerada referência. Segundo Neusa Santos (1990), em seu livro *Tornar-se negro*, "O pensamento do sujeito negro é um pensamento que se auto restringe. Que delimita fronteiras mesquinhas à sua área de expansão e abrangência em virtude do bloqueio imposto pela dor de refletir sobre a própria identidade" (SANTOS, 1990, p.10). Devido ao período escravocrata e aos regimes impostos àqueles com a cor mais escura do que o referencial europeu, corpos negros vêm sendo inferiorizados por questões puramente raciais. A questão racial tomou proporções mundiais, dado que eram violentamente transportadas pessoas a serem escravizadas para o mundo inteiro com a escusa de que o corpo negro era uma "raça inferior".

Devido aos seus corpos serem negros, normalmente são lidos a partir de uma definição falha do determinismo biológico, sendo mais fortes e mais altos, eles seriam destinados aos serviços braçais, servindo assim ao homem branco, que seria destinado a usar somente sua capacidade mental. Com a abolição da escravidão pessoas negras continuam sendo escravizadas mentalmente. A abolição foi puramente econômica, a necessidade de ter mais "cabeças" comprando e produzindo economicamente superou o simples reconhecimento do negro (a) como um ser humano. Pessoas negras até hoje são consideradas inferiores mentalmente, são tachadas com estereótipos racistas como intelectualmente insignificantes, desinteressadas e preguiçosas, porém esses estereótipos são uma maneira de manter o negro na condição de "escravo".

Esse processo de abolição causou no negro, segundo Neusa Santos (1990), uma ferida intelectual, ou seja, a pessoa que carrega em si a negritude e traços do racismo estrutural tem em si uma negação da sua intelectualidade. Ainda no Ensino Fundamental tive um colega de sala que se dizia um mágico capaz de ler o futuro dos demais colegas sobre suas profissões. Aos colegas brancos dizia que se tornariam médicos, advogados e engenheiros, ao ler o meu futuro (sem ao menos eu ter questionado), ele afirmou com toda certeza que eu seria uma cozinheira da cantina. Meu futuro antes mesmo que eu pudesse escolher um, estava sendo traçado por um adolescente branco de 14 anos. É essa a relação do negro com a sua autoestima, o seu intelecto ferido vem mesmo antes dele. A baixa autoestima, tanto da mulher negra como do homem negro, é moldada ainda segundo os parâmetros da mentalidade escravocrata, e mesmo que haja luta e resistência, o se provar capaz é diário.

A necessidade da autoestima da negritude sempre estar sendo provada leva o negro a estabelecer relações, conquistas que, segundo esses estereótipos, estejam ao seu alcance intelectual. Seria então por isso que tantas pessoas negras procuram o curso de Pedagogia? A subalternização do curso é o motivo pelo qual há tantos estudantes negros na Pedagogia? Um curso considerado menor para pessoas que são tidas pela

sociedade racista também como menores. Segundo o Portal Nacional da Educação (PNE), em 2021 a nota média do ponto de corte para o ingresso no curso de Pedagogia foi de 596, quando comparado com cursos como Direito, a diferença que se nota é de cerca de 139 pontos, considerando as chamadas públicas, em casos de cotas essa nota pode diminuir consideravelmente.

Em uma das entrevistas o Entrevistado 1 de Pedagogia, já em sua segunda graduação, levantou o questionamento “Será que nós negros acreditamos que somos capazes só disso? Ou talvez tenhamos a autoestima tão baixa que a nossa nota no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) foi um reflexo disso também”. Entretanto o curso de Pedagogia para o estudante negro é uma ferramenta de mobilidade social, e, segundo Foucault (2010), uma prática de sua existência. Estar dentro de um ambiente acadêmico para um sujeito negro é estar além das estatísticas, e quando se trata de Educação, não é somente sobre estar atento a si, é estar atento a uma comunidade.

Durante as entrevistas foram bastante citadas algumas imagens preconcebidas sobre os alunos, e quando se fala de imagens preconcebidas, em outras palavras, se lê preconceitos enraizados. Tais preconceitos são estereótipos existentes na sociedade desde que foi concebida a escravatura, criaram-se espectros sobre as pessoas negras a partir de crenças, feitas novamente para manter o preto no “lugar dele”. Segundo Neusa Santos (1990):

O mito é uma fala, um discurso – verbal ou visual – uma forma de comunicação sobre qualquer objeto: coisa, comunicação ou pessoa. Mas o mito não é uma fala qualquer. É uma fala que objetiva escamotear o real, produzir o ilusório, negar a história, transformá-la em “natureza”. Instrumento formal da ideologia, o mito é um efeito social que pode entender-se como resultante da convergência de determinações econômico-político-ideológica e psíquicas. Enquanto produto econômico-político-ideológico, o mito é um conjunto de representações que expressa e oculta uma ordem de produção de bens de dominação e doutrinação. Enquanto produto psíquico, o mito resulta de um certo modo de funcionamento do psiquismo em que predomina o processo primário, o princípio do prazer e a ordem do imaginário (SANTOS, 1990, p. 25).

Neusa afirma que o mito é feito de representações sobre algo ou alguém a título de dominação. Na questão da negritude, todos os estereótipos criados são com o intuito de diminuir e nunca de elevar as pessoas de pele escura; no ambiente acadêmico, infelizmente ainda não conseguimos fugir desse padrão. Ao relacionar esses “tipos de alunos negros” somos levados à comparação, conforme o Entrevistado 1 relatou:

“É muita questão envolvida, se você for preto com cabelo rapado é uma coisa. Se você for preto, com barba, com black, andar de bermuda e chinelo e fumar paiero, é ai que tá. Um parceiro meu, um dos caras mais inteligentes que eu já conheci, fumava beck na frente dos professores, mas ele era branco, loiro do olho azul,

LEITE, A. M. S.

entende? Eu não posso fazer o mesmo e esperar o mesmo tratamento que ele.” (ENTREVISTADO 1, 2019).

Nessa fala fica bem demarcado o fato de que um aluno negro ao ir para faculdade de short e chinelo seria visto como um aluno desinteressado, enquanto o aluno branco não seria criticado ao se trajar da mesma maneira. Um estudante branco fumante é comum na Universidade, porém um estudante negro fumante é maconheiro. O Entrevistado 1 continuou o relato:

“Às vezes a gente sai pra tomar uma água, meu grupo sai pra tomar água. E a professora chega e fala que “Ah eu to dando aula aqui e vocês saem pra fazer não sei o que”. Eu parei pra pensar, como assim fazer não sei o que? Análise do discurso né, eu sempre saio, vou tomar uma água, fumo meu palheiro e volto pra sala. Entendeu a lógica? É uma leitura muito equivocada, porque existem outros grupos que fazem a mesma coisa, mas que não são criticados dessa mesma forma.” (ENTREVISTADO 1, 2019).

O duplo sentido que a mesma atitude ou vestuário provoca é a razão central do problema. Um estudante negro não pode agir da mesma forma que os demais porque sempre será mais criticado quando em comparação com estudantes brancos, o estudante negro precisa se munir de ferramentas comportamentais para não ser alvo de retaliações.

Após essa entrevista fiquei refletindo alguns dias sobre o que eu poderia ter passado de semelhante durante meus anos de faculdade, cheguei à conclusão de que nenhum corpo negro de fato está a salvo. A partir da minha percepção como mulher negra e participante ativa dos movimentos negros me sinto quase que no dever de tentar falar sobre o racismo, de explicar o que é ser preto para aqueles com menos vivência e com menos saber sobre. Durante as aulas na universidade sempre que surge o tema do ser preto os olhos são virados para mim, enquanto os professores falam, os colegas de sala sempre ficam esperando minha reação de alguma forma, concordando ou não. Em situações em que eu acredito que poder haver mudanças, eu acabo por tentar me expressar. Como eu, uma amiga muito próxima (branca) também se expressa sobre aquilo que vive e acredita. Uma pauta bastante comentada por ela é sobre religião, ela estuda e é ativa no meio, então se sente à vontade para se manifestar. Durante uma aula sobre negritude, resolvi me pronunciar e fui interrompida, tendo sido tachada de “agressiva” quando me expressei enfaticamente, enquanto minha amiga sempre é considerada “perspicaz e bem articulada sobre o que fala”.

Os mitos sobre o corpo negro conseguem atingir até aquele mais distante do próprio movimento negro; por meio desse fato fica evidente que o estudante negro sempre terá mais empecilhos em sua trajetória no meio acadêmico do que os estudantes brancos. Em seu livro *Olhares Negros: Raça e Representações*, bell hooks (2014) afirma: “Da escravidão em diante, os supremacistas brancos reconheceram que controlar as imagens é central para a manutenção de qualquer sistema de dominação.” (HOOKS, 2014, p. 33). É pela vontade de controle que os mitos surgem, tais mitos são sistemas de controle para garantir uma “serventia” da população negra. Essa manobra

de controle interferiu não somente como outras cores pensam sobre o corpo negro, mas como nós pensamos sobre nós mesmos.

Criados a partir de uma sociedade que foi construída em cima de um sistema racista, todos nós, sem exceção, somos manipulados para a supervalorização do branco e o aprendizado da desvalorização da negritude. Mitos/construções sobre o corpo negro como: "Pessoas negras apresentam menor índice de escolaridade que pessoas brancas, pessoas negras têm menos acesso à educação devido à história, pessoas negras são menos aptas para a vida acadêmica, pessoas negras fazem escolhas individuais", tais construções são mantidas a partir da produção de um sistema que explica de maneira "racional" a desigualdade racial.

Empecilhos esses não criados pelos próprios estudantes, ou criados pelos professores, apenas reproduzidos em voz suficientemente alta para atingir uma sala inteira, que futuramente mesmo sem perceber terá um discurso diretamente de cunho racista, em que o racismo se torna institucional. E é a partir desse momento, que o corpo negro reivindica a si mesmo, bell hooks (2014) em seu livro afirma:

A luta antirracista avança melhor com a teoria que fale sobre a importância de admitir que o reconhecimento e a aceitação positiva da diferença são um ponto de partida necessário enquanto trabalhamos para erradicar a supremacia branca (hooks, 2014, p. s/d).

Se "ler" enquanto corpo negro erradicado de mitos e construções é capaz de tornar a vida acadêmica um pouco mais leve. É no intuito de autogovernar-se que o indivíduo negro se reivindica. O seu processo de reivindicação acontece somente pelo caminho do cuidar de si.

## CUIDADO

A questão do cuidado não foi algo que surgiu de imediato e sim depois de análises sobre as entrevistas realizadas. O cuidado pode ser definido em duas maneiras mais diretas (pode tangenciar dependendo do falante), o cuidar de si e o cuidado com o outro. Primeiramente, a necessidade do cuidado surge entre os estudantes negros a partir do momento em que existe a autopercepção enquanto negritude em um ambiente que antes era a eles negado. Essa percepção acontece exclusivamente quando essas pessoas chegam ao meio acadêmico; mesmo que antes de ingressarem na Universidade tenham tido contato com questões raciais, essa é uma reflexão sobre ocupação.

O movimento negro tem como uma das suas pautas a ocupação do espaço, espaço este que, durante o período de colonização, e até mesmo pós-colonial, negros eram impedidos de ocupar. Eram locais de acesso somente àqueles de classe alta, ambientes em que somente a beleza branca e europeia era exaltada, pessoas com cargos importantes, enfim, lugares que, com a desvalorização da cultura negra, se tornaram de difícil acesso. Entre os ambientes que ainda são considerados complicados de alcançar estão as universidades, principalmente universidades públicas, em que a



LEITE, A. M. S.

concorrência é maior. Mesmo com o plano de cotas raciais, ainda são vistos poucos negros dentro das universidades, sendo exceções quando se vê alunos negros em cursos como Medicina e Direito.

É sobre a exclusividade do ensino superior que torna essa percepção necessitada de cuidado, cuidado principalmente psíquico. Por mais que o meio acadêmico seja um ambiente onde haja pessoas estudiosas e, principalmente no meio da Pedagogia, que se importa tanto com o indivíduo, há ainda barreiras. Os relatos em entrevistas mostram como os estudantes declarados negros precisam provar várias vezes mais capacidade do que outro estudante não negro, o cuidado então se inicia aqui. O aluno negro precisa criar barreiras imaginárias com o ambiente, que em inúmeros momentos é propício à incapacitação e objetificação de si, essas barreiras foram consideradas cruciais pelos entrevistados no seu processo de formação acadêmica, porque, segundo os depoimentos, seria incabível completar o curso em meio a tanta dominação e diminuição do seu intelecto.

Segundo Tamanini, em seu capítulo no livro *O cuidado em cena*, “O cuidado é uma maneira de pensar, de produzir proteção para os vulneráveis” (TAMANINI, 2018, p.50). Em uma reflexão sobre o que poderia produzir essa proteção nos vulneráveis analisados ou seja, alunas (os) negras (os) da Faculdade de Educação, Fui obrigada a refletir como se dá o cuidado dentro da Universidade, que é um ambiente ainda pouco ocupado pelos meus, e descobri que a produção de cuidado de si existe quando há produção do chamado “Black Excellence”.

Para o português black excellence se trata da excelência negra, esse termo é usado principalmente nas redes sociais para exaltar aquelas pessoas negras que não só realizam um bom trabalho, mas que são consideradas brilhantes naquilo que fazem. Um exemplo sobre como isso funciona acontece desde que eu me entendo por gente, meu pai, homem negro de periferia, sempre me disse que eu teria que provar 3x mais que as outras pessoas se eu quisesse ser reconhecida.

É nesse ponto que o black excellence se torna uma estratégia ou uma tecnologia de si, que, segundo Foucault (ano), são saberes de si, que são usados neste artigo por pessoas negras para se manterem em ambientes como a Universidade: tirando notas altas, sendo capaz de deixar a média global superior à média do curso e entrando para uma turma de estágio que todos queriam com certa folga e sem preocupação. É assim que é produzido o cuidado e seus estratos de felicidades, aos olhos de quem não está na nossa pele (pele negra) pode parecer soberba, mas o cuidado se dá alimentando o nosso ego e provando todos os dias para nós e para quem duvidou, que somos, sim, pertencentes ao meio acadêmico. Um dos nossos meios de proteção é não só ser capaz, mas ter mérito naquilo que fazemos.

O ato de cuidar do outro é um conceito desgastante para a maioria dos estudantes, se torna desgastante porque já é necessário cuidar de si. Diferente dos demais alunos brancos que, sim, também se preocupam consigo mesmo, mas de forma mais “leve”, é mais suave tomar conta de um grupo. Marlene Tamanini (2018) ainda oferece uma importante explicação do que seria esse desgaste:

A atribuição da responsabilidade de cuidar de alguém, de alguma coisa ou de alguns grupos, pode então ser uma questão moral. [...] temos de considerar como as obrigações de cuidar dos outros têm

significado moral na sociedade como um todo (TAMANINI, 2018, p. 42).

De acordo com Tamanini (2018), o cuidar do outro se torna responsabilidade, como uma tarefa a ser feita e cumprida, a obrigação do cuidar é desgastante na medida em que estudantes negros têm o “dever” de cuidar dos demais estudantes negros. Estudantes negros (as) têm como “obrigação moral” exemplificar e explicar o que é estar na condição de ser negro.

No período de entrevistas esbarrei com uma aluna no segundo período de formação, em seu desabafo ela comentou como era difícil ser a única negra em sua sala e ter o papel de falar sobre ser preto. Em uma de suas declarações, a Entrevistada 3 me disse: “Eu não quero ter o papel de ter que ficar explicando para os outros que o racismo existe, não é meu papel. Se eu tive capacidade de descobrir que existia, eles também conseguem, tem na internet, qualquer um pode ver” (ENTREVISTADA 3, 2019).

Suas palavras me lembraram de um termo usado na militância negra, o chamado “Wikipreto”, ou seja, todo e qualquer assunto sobre pretos a melhor e mais fácil fonte é o amigo preto ao lado. A Entrevistada 3 simplesmente não queria ser o wikipreto das pessoas da sua sala, ela me afirmou mais de uma vez que era desgastante falar sobre assuntos que por muito tempo machucaram sua autoestima. Ela por sua vez não queria ser exemplo de dor e sofrimento, ela somente queria estar ali, como qualquer outro estudante, assistir a aula e pronto. Durante a entrevista foi motivo de risos sem graça quando falou sobre uma de suas colegas de sala, que afirmou em voz alta que não sabia da existência do racismo até o momento em que adentrou a faculdade.

O desgaste do estudante negro na faculdade é constituído dia a dia, semana por semana, semestre por semestre. É um malabarismo sentimental entre felicidade de ocupar um ambiente que não são todos que conseguem e tristeza de ocupar o mesmo ambiente em que alegam todos os dias que você não deveria estar lá. A necessidade do autogoverno é diária. O cuidado consigo é diário, a manutenção é permanente, mas como disse a Entrevistada 2: “Ainda bem que a gente tem férias pra poder esquecer um pouco de como a gente não é bem-vindo” (ENTREVISTADA 2, 2019).

## RESSIGNIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO

Ressignificar é a ação de atribuir novo significado a algo ou alguém. Ao perguntar para os entrevistados sobre o porquê da escolha da Pedagogia como opção de carreira, foi unânime a vontade de fazer diferente daquilo que foi feito com eles, ou seja, resignificar de algum modo a educação. Uma base importante para este tópico foi o livro *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*, de bell hooks (2017), que trata do educar para libertar, mostrando como a educação pode criar diferentes caminhos e oportunidades para o educando. O primeiro capítulo explica bem sobre o primeiro ato de resignificar: a representatividade.

Todos os entrevistados, como já dito antes, se lembram de seus poucos professores negros, tanto o nome como a matéria. O fato é que é mais fácil criar laço, mesmo que seja apenas de memória daquilo que nós representamos, isso está

LEITE, A. M. S.

inteiramente ligado à sensação de prazer. Um exemplo pessoal disso é como de todos os livros que minha mãe, enquanto pedagoga, leu para mim (que não foram poucos), eu me lembrar apenas de um em específico, lembrando o nome, a história e o nome da autora. O livro em questão é *Menina Bonita do laço de fita* de Ana Maria Machado (2011). Acredito firmemente que a memória do livro é tão presente em minha mente justamente porque a sua protagonista se parecia comigo, diferente dos outros livros.

A representatividade causa proximidade, é prazeroso saber que um igual ocupa um lugar importante, a proporção que isso toma é significativa, isto é, se aquela pessoa, igual a mim, consegue ocupar esse espaço importante, eu também consigo. Existe entre eles um apelo muito grande pela representatividade. Em uma das entrevistas foi dito algo muito marcante: “Eu quero dar aula para crianças pretas, porque é importante um professor preto para um aluno preto”. Quando questionamos a quantidade de professores negros que dão aula com grade fixa para a Pedagogia na Faculdade de Educação é de apenas um professor, o questionamento que há dentro dos graduandos como eu: será que não somos capazes de alcançar um cargo importante? Será que somente 1 em um milhão de negros é capaz de fazer um doutorado e passar em um concurso importante desse? Representatividade inspira e motiva. Diferentemente do que acreditam, que o fato de não vermos nenhum de nós no topo “dá mais gás para conquistar”, mas o efeito é exatamente o contrário, sem referencial não há incentivo.

Graduandos negros em Pedagogia querem, de fato, educar diferente, principalmente durante os primeiros anos e na Educação Infantil, que é o momento em que as crianças estão adquirindo a perspectiva tanto do eu como das coisas que acontecem em sua volta. É nesse sentido que estudantes negros clamam, eles querem incluir crianças negras, antes excluídas como eles foram no processo educacional. Querem, desde os primórdios da educação, apresentar possibilidades, seja de histórias, seja de termos, que encaixem essas crianças e não as segreguem, como acontece. A vontade de contar a história de uma perspectiva parecida com seus alunos parece ser a motivação dos estudantes. De acordo com bell hooks, “para os negros, o lecionar – o educar – era fundamentalmente político, pois tinha raízes na luta antirracista” (HOOKS, 1994, p. 10). Tal frase eu gostaria de acompanhar com uma citação da Entrevistada 3, que disse o seguinte:

“Parece prepotente né? Eu dizer que sou boa nisso. Eu fico pensando que gente eu faria coisas incríveis pelas crianças negras, as poucas que eu vejo diferentes em questão de Literatura, que eu vejo 1 ou 2 professoras usando livros com personagens negros e eu fico meu deus, como que isso mudaria minha vida sabe? Mudar canções, mudar o discurso pra trazer eles pra dentro da realidade, eu faria coisas incríveis com eles e sempre que eu penso eu digo que vou estudar o máximo que eu posso sobre literatura, sobre músicas, sobre cultura pra não ser aquela criança excluída que eu fui. Porque se eu não tive muitos amigos, alguma coisa diz sobre isso, né? Sobre eu não ter lembranças boas na infância e ter demorado pra eu ter me reconhecido como negra, o ensino não ajudou, né?” (ENTREVISTADA 3, 2019).

De maneira parcial, inevitavelmente, eu acredito firmemente que representatividade importa. Crianças conseguem se enxergar, sendo em livros, novelas,

contos de fada e profissões torna a vida do infante negro muito mais dele de fato. A representatividade gera o sentimento de pertencimento, se há uma professora negra na escola, faz com que a criança se sinta parte dela. Se há uma professora negra em uma Universidade Federal faz com que o graduando sinta que aquele posto também pertence a ele. Ser pertencente, se sentir acolhido em um ambiente que muitos dizem não te pertencer, faz com que o graduando queira continuar. Graduandos têm vontade de fazer algo diferente com a educação, como bell hooks afirmou sobre a educação libertadora: “Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e íntimo” (HOOKS, 1994. p 25).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com o trabalho ainda em andamento, continuando a investigação para adentrar a percepção dos sujeitos no curso de Pedagogia, algumas afirmações podem ser feitas. Pessoas negras estão ocupando o meio acadêmico, pessoas negras estão entrando em Universidades, pessoas negras, cada dia que passa, se mostram mais capazes de tomar por direito aquilo que um dia foi tirado das mãos delas. Entrando por acreditar ser capaz de “apenas ser professor”, entrando com a autoestima baixa desde o início de sua educação, fazendo com que atinjam uma média baixa no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), o que se deve à falta de oportunidade, seja pela falta de renda, seja pelo querer educar. Tem e ainda terá universitárias pretas e universitários pretos ocupando o ambiente acadêmico.

Estudantes negras(os) na Pedagogia querem respeitar e proteger corpos negros que virão. Querem mostrar para aqueles jovens que eles serão capazes de fazer muito mais do que aqueles que se apresentam em sua frente, graduandos que serão capazes de ensinar não somente crianças negras, como também crianças brancas como tratar diferenças e adversidades. Futuras pedagogas e pedagogos que serão responsáveis por uma educação inclusiva e responsável, tendo tato com as palavras, com os termos e com as atitudes. Talvez seja essa a maior definição de cuidado existente neste artigo, pessoas pretas querem cuidar de futuros educandos pretos. Esses negros estão entrando na Universidade porque querem fazer diferente do que um dia foi feito com eles. O que impulsiona esses estudantes a quererem terminar a graduação, (mesmo que tenham entrado porque era o que dava) é a possibilidade de conseguir fazer a diferença, conseguir ensinar o que não foi ensinado a eles, colocar a criança negra como uma protagonista, do mesmo modo como colocam a criança branca.

Por mais que o título de wikipreto seja pesado demais para alguns entrevistados, para outros é essa responsabilidade que os fazem seguir o caminho da educação. Universitárias (os) negras (os) na Faculdade de Educação têm como um de seus objetivos tornar o espaço educacional um ambiente favorável para que estes estudantes consigam extrair dali a transformação de si mesmos, no intuito de obter alguns estratos de felicidades que estas futuras (os) professoras (os) não tiveram o prazer de desfrutar. O ato de dominar suas próprias tecnologias faz com que estas estudantes consigam reproduzir nestas crianças negras, que também serão alvos de predestinações

LEITE, A. M. S.

da sociedade, o exercício de autogoverno. Seu autogoverno é capaz de levar, assim, este estudante ao ambiente em que ele deseja estar.

Procuro continuar a saber o que impulsiona tantos estudantes negros na pedagogia e gosto de pensar que a cada turma que se inicia, os números de alunos negros vão se multiplicando. Chego a um momento em que não me impulsiona tanto o saber o porquê entraram, me impulsiona saber o que querem fazer a partir da oportunidade que estão tendo. Como estão sendo levados ao mercado de trabalho, como se comportam em relação aos possíveis momentos de dificuldades e se continuam a querer mudar o mundo começando por uma turma de estágio na Educação Infantil. É significativo estarmos ocupando um cargo de suma importância para a formação educacional de qualquer ser humano. Estar na base de tudo não é ser menos importante, estar na base é se tornar fundamental para o que vem depois. Acredito em um cenário em que as pessoas, ao crescerem, lembrem-se de seus professores ou professoras negras como fundamental em seu processo de crescimento. Porque é a partir desse momento que conseguiremos não só transformar a realidade daqueles que já estão aqui, como também daqueles que virão.

Artigo recebido em: 30/03/2021

Aprovado para publicação em: 14/10/2021

---

#### RACIAL ISSUES AND PRODUCTION OF SUBJECTS IN THE DISCENT EXPERIENCE IN THE PEDAGOGY COURSE

**ABSTRACT:** A significant amount of Pedagogy students at Universidade Federal de Goiás identify themselves as black people, in a mostly white campus. Due to that characteristic, this study tries to recognize who these black students are, what are their motivations, their professional goals and yet tries to understand their academic path through the categories "self-esteem", "reframing" and "care". The empirical data were collected through qualitative interviews with self-declared black students, focusing on individual experiences in order to contribute to the studies about the meaning of being black in a college environment.

**KEYWORDS:** Students. Black People. Education. Resignification. Care.

---

#### PROBLEMAS RACIALES Y PRODUCCIÓN DE SUJETOS EN LA EXPERIENCIA DISCENTE EN EL CURSO DE PEDAGOGÍA

**RESUMEN:** Un número significativo de estudiantes de Pedagogía de la Universidad Federal de Goiás se declaran negros en un campus predominantemente blanco. Por esta característica, el presente estudio busca reconocer quiénes son estos estudiantes negros, cuáles son las motivaciones para elegir el curso, sus pretensiones profesionales y, más aún, busca comprender las trayectorias académicas a través de las categorías "autoestima", "reencuadre" y "cuidado". Los datos empíricos fueron recolectados a través de una investigación cualitativa con estudiantes

universitarios negros autodeclarados, enfocándose en las experiencias de los sujetos para contribuir a los estudios sobre el significado de ser negro en un entorno educativo superior.

PALABRAS CLAVE: Estudiantes. Mujeres Negras. Educación. Reasignación. Cuidado.

---

#### NOTA DE AGRADECIMENTO

1 - Este trabalho foi concluído com a participação e orientação crucial da Profª. Dra. Maria Izabel Machado, a quem devo minha entrada no mundo acadêmico.

---

#### REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

ENTREVISTADO 1. Entrevista concedida a Autora. Goiânia, outubro. 2019.

ENTREVISTADO 2. Entrevista concedida a Autora. Goiânia, outubro. 2019.

ENTREVISTADO 3. Entrevista concedida a Autora. Goiânia, outubro. 2019.

ENTREVISTADO 5. Entrevista concedida a Autora. Goiânia, outubro. 2019.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. //: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Olhares Negros: Raça e Representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TAMANINI, Marlene. **O cuidado em cena: desafios políticos, teóricos e práticos**. Florianópolis: UDESC, 2018.

LEITE, A. M. S.

---

ANA MARIA SILVA LEITE: Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e professora no Instituto Educacional Emmanuel.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0060-597X>

E-mail: [analeitt7@gmail.com](mailto:analeitt7@gmail.com)

---

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution* 3.0, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).